
Tendências e desafios no processo de migração do rádio AM para o FM¹

Karina Woehl de FARIAS²
Valci Regina Mousquer ZUCULOTO³

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC

RESUMO

Este artigo buscou analisar a fase inicial da migração do Rádio AM para o FM. A partir das transformações históricas do rádio em Amplitude Modulada, observamos os primeiros passos do processo, a fim de verificar como o radiojornalismo praticado nas emissoras AMs será produzido no FM, após a migração no Brasil. Para análise, foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio de levantamento bibliográfico e documental sobre o tema. Como resultado são apresentadas as considerações iniciais sobre as tendências, desafios e potencialidades do momento atual em que vive o meio.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual; rádio AM; migração para o FM; transformação.

Introdução

Muito próximo de celebrar os cem anos de existência no Brasil, o rádio segue dividindo opiniões otimistas e pessimistas sobre o seu futuro. Divisão esta existente desde sempre nos debates sobre o meio, inclusive quando o assunto é o espectro. Durante muito tempo, criou-se uma espécie de “muro” repartindo o dial. A modulação dos aparelhos fez surgir dois universos distintos: de um lado um AM, voltado para o jornalismo e a prestação de serviço, e de outro, o FM, levando música e entretenimento aos lares do público ouvinte. Foi assim durante anos no Brasil, uma segmentação clara de programação, público-alvo e qualidade sonora. Este cenário vem se transformando e deve mudar ainda mais com a migração do AM para o FM, determinada pelo Ministério

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação (UNESC) e professora de Radiojornalismo na Faculdade Satc, em Criciúma/SC. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) do POSJOR E-mail fariaskaki@gmail.com.

³ Professora e pesquisadora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista (UFRGS), mestre e doutora em Comunicação (PUCRS) e pós-doutora (Eco/UFRJ), coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e da Rádio Ponto UFSC. É uma das líderes do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) do POSJOR. E-mail: valzuculoto@hotmail.com.

das Comunicações em decreto presidencial em 2013⁴, e em processo de implantação em todo o país.

A falta de investimentos no rádio de Amplitude Modulada é um dos fatores que influenciaram o atual momento em que vive o cenário radiofônico no país, o de migração para o FM. Conforme os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, a principal forma de acesso ao meio ainda é o velho e tradicional aparelho de rádio. Os entrevistados que ouvem desta forma chegam a 63% do total pesquisado, contra os 31% que somam os ouvintes via celular e em carros. Do total que ouve rádio, 79% estão sintonizados na Frequência Modulada (PBM, 2016).

Os números apontam um desinteresse pelo meio, ainda mais perceptível quando o assunto são os investimentos em tecnologia das indústrias dos mais variados setores que acabam por afetar em cheio as rádios em Ondas Médias. O AM, por exemplo, não está disponível em novos dispositivos móveis, como celulares e tablets. Isso faz com que os novos aparelhos cheguem ao mercado somente com a sintonia em Frequência Modulada refletindo diretamente na audiência de emissoras em Ondas Médias.

Um outro fator que representa problema para as ondas em Amplitude Modulada é a indústria automobilística, que coloca no mercado veículos sem aparelhos radiofônicos compatíveis ao AM. Isso sem contar as próprias emissoras que apostam no conservadorismo de sua programação, pouco voltada à convergência e ao público jovem. Este “esquecimento do AM” condena o espectro e pode ser apontado como alguns dos motivos da migração, também muito relacionada com a qualidade do som e a interferências nas ondas.

Por fim e diretamente relacionado aos motivos anteriores, a queda de anunciantes nas rádios AMs é mais uma questão importante para o processo de migração. Com a queda na audiência em automóveis, celulares e por conta da baixa qualidade de áudio, repleto de interferência eletromagnéticas, o setor publicitário encontra no AM um problema a ser superado. Isso trouxe redução na receita publicitária trazendo dor de cabeça a muitas emissoras do país.

Essas causas unidas ainda à falta de continuidade nas discussões de implantação do modelo de rádio digital no Brasil por parte do governo, levaram radiodifusores a pedirem a migração do AM. Os estudos e a decisão sobre o padrão digital esbarraram em impasses técnicos e políticos. O FM analógico funciona bem, com boa penetração e

⁴ BRASIL. Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm

com receptores diversificados e baratos, como apontou a pesquisadora Nélia Del Bianco, representante do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) nas discussões sobre o modelo de rádio digital a ser instalado no Brasil.

O insucesso se deve a conjugação de fatores tais como: a) falta de critérios para o acesso dos canais privados à rede digital; b) o público nunca percebeu a vantagem da mudança, uma vez que não havia oferta diferenciada da FM; c) e os receptores são caros. Conclusão: sem a aposta em novos conteúdos, não há bases para a mudança efetiva. (DEL BIANCO, 2013, p.2).

Com tantos entraves, o definhamento do rádio AM fica cada vez mais evidente, restando aos radiodifusores a solicitação no encaminhamento para a Frequência Modulada como forma de sobrevivência em mais um período de crise no meio.

Conforme o site do Ministério das Comunicações, 1.781 emissoras estão na frequência de AM em todo o Brasil, sendo divididas de acordo com o alcance: local, regional ou nacional. Destas, 1.386 pediram a mudança de faixa e aproximadamente 280 já estão aptas a funcionar na nova frequência. Atualmente, segundo a Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert), 55 emissoras já operam em FM e outras 286 esperam os procedimentos legais para mudarem de canal. A primeira a executar o procedimento foi a Rádio Progresso, em Juazeiro no Norte (CE). A emissora ativou a transmissão no dia 16 de março de 2016, passando a operar em 97.9 FM (BRASIL, 2016). Já em Santa Catarina, cem solicitaram a migração, oito continuarão em OM e três delas já estão funcionando no novo dial, em Lages, Jaraguá do Sul e Braço do Norte.

A partir deste contexto, esta pesquisa buscou levantar reflexões preliminares sobre a migração do AM para o FM nas emissoras brasileiras. Para isso, baseou-se nas transformações vividas pelo rádio em Amplitude Modulada ao longo de sua história. Para dar início, essa (re) visita à trajetória do rádio AM trouxe resumidamente os períodos vividos pelo meio e periodizados pelas autoras, em um trabalho submetido recentemente ao Grupo de História da Mídia Sonora, do 11º Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR).

Este artigo pretendeu avançar e dar considerações iniciais à pesquisa em andamento de doutorado de uma das autoras, Karina Woehl de Farias, que pretende verificar como o radiojornalismo praticado nas emissoras AMs será produzido no FM, após a migração. A pesquisa de doutorado orientada por Valci Regina Mousquer

Zuculoto, co-autora do presente trabalho, está baseada em um estudo exploratório, utilizando técnicas da pesquisa bibliográfica e documental. A escolha deste método permite reunir dados e informações ampliando o conhecimento do objeto analisado. Para dar suporte nesta revisão das transformações ocorridas ao longo do tempo, este artigo buscou autores que estudam os avanços do meio sem que se torne algo repetitivo, como alertam Marconi e Lakatos (2010), quando explicam que uma pesquisa bibliográfica não é repetição daquilo que já se estudou sobre o assunto, mas uma abordagem com conclusões inovadoras.

As mudanças no rádio AM: um breve histórico

A evolução do rádio é estudada há muito nos seus mais variados aspectos, da mudança de comportamento ao desenvolvimento da tecnologia em constante transformação, como a invenção do transistor e a chegada da televisão entre os anos 1950 e 1960, o surgimento das emissoras em Frequência Modulada nos anos de 1970 e o avanço tecnológico que ampliou as formas de transmissão, produção e recepção a partir dos anos de 1990.

Os impactos vividos pelo meio neste quase um século de existência serão descritos nesta pesquisa como *Ondas de Mudanças* e apresentadas de forma periodizada a fim de descrever alguns dos acontecimentos de relevância na história do rádio, que como mídia tradicional, vem se reinventando e se adaptando ao longo dos anos, e, “hoje, frente ao processo de convergência midiática e a ubiquidade da comunicação digital passa por um novo processo transformação” (LOPEZ e QUADROS, 2015, p.166).

A *primeira onda de mudança* no rádio ocorre com a própria *Implantação* do rádio nos anos 20; uma verdadeira revolução tecnológica à época, quando o principal meio de informação da população, o jornal, já não era a única forma de se chegar ao público. A trajetória do rádio AM no Brasil se confunde com a própria história do meio no país. Isso porque as primeiras emissoras instaladas por aqui eram fundadas por clubes ou sociedades, numa reunião de apoiadores da radiodifusão. Nesse início de atividade, o conteúdo levado ao público era de cunho cultural e educativo, muito em função do seu inventor e fundador da primeira emissora brasileira, Edgar Roquette-Pinto. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, pioneira nas ondas médias, iniciou suas operações amparada numa programação voltada à educação.

Dois inventos importantes resultaram na *segunda onda de mudança* no rádio nacional, impactando drasticamente o rádio AM da época: a chegada da TV e o transistor. A programação radiofônica repleta de artistas e músicos passou a dar espaço ao jornalismo e a prestação de serviço, já que os programas musicais migraram para a televisão, mudando o comportamento na recepção (ZUCULOTO, 2012). Nomes consagrados pelo rádio passaram a fazer parte dos programas televisivos, deixando uma espécie de vácuo no meio. As emissoras necessitaram se reinventar para sobreviver e reconquistar um ouvinte agora focado na TV.

Essa *segunda onda de mudança*, também foi marcada pela miniaturização e a redução nos preços de aparelhos, deixando o rádio AM muito mais popular e acessível. O grande invento transformador foi o transistor, que segundo Magnoni e Rodrigues (2013), foi a tecnologia criada para facilitar a transmissão e recepção dos sinais, visando a utilização portátil. Uma verdadeira nova revolução tecnológica que tornaria o meio conhecido até hoje por sua individualização de audiência (MAGNONI e RODRIGUES, 2013).

Tão ou mais importante que transistor para a história do Rádio AM foi a implantação do FM no Brasil, chamada neste trabalho, como *terceira onda de mudança*. A liberação do espectro FM às emissoras comerciais começou tardia no Brasil, com um atraso de 30 anos em relação à invenção nos Estados Unidos (PRADO, 2012). Segundo Del Bianco (2012), a nova faixa espalhou emissoras no processo de interiorização e trouxe à época uma audiência jovial, anteriormente deixada para a televisão. O FM ampliou o campo de atuação do meio e melhorou a qualidade do áudio. A implantação da nova frequência como um aspecto positivo para o meio, já que além do aumento no número de emissoras e na qualidade do som, proporcionou a segmentação na programação e a especialização de novas linguagens específicas do meio. Restou ao AM usar muito mais a fala do que a música, consolidando a expansão e a popularização do radiojornalismo (ZUCULOTO, 2012).

O *quarto momento*, a *Informatização*, chega com a entrada dos satélites espalhando o sinal de emissoras de grandes centros para todo o território nacional. O caráter local ficou de lado, profissionais foram substituídos por redações e estúdios computadorizados, como por exemplo operadores técnicos e comunicadores regionais. A transformação significou uma quebra de paradigma na medida que muitas emissoras do interior passaram a transmitir programações uniformes culturalmente, presente nas

idades grandes, mas causando estranheza nas localidades, fator que impactou diretamente as ondas de Amplitude Modulada, tradicionais na informação local.

A digitalização ganha espaço na década seguinte, primeiro como ferramenta no mundo virtual com a retransmissão dos conteúdos na internet, e em seguida com o surgimento de webrádios (ZUCULOTO, 2012). A novidade anunciava a *quinta onda de mudança* no rádio do brasileiro, com a *Internet e o Rádio Expandido* (Kischinhevsky, 2016) impactando mais uma vez o AM. Novos hábitos alteraram o comportamento do ouvinte. As webrádios quebraram um pressuposto importante da radiofonia, o suporte, já que no lugar dos tradicionais aparelhos de rádio surge o ouvinte com acesso ao rádio via computador, causando estranheza aos usuários.

A convergência tecnológica obriga emissoras a se adaptarem a este novo rádio, que vem extrapolando as ondas hertzianas e se espalhando nas multiplataformas, o que representa uma nova onda de mudança. Um novo momento marcado por qualidade sonora, transmissão simultânea entre AM e FM, uso de aplicativos para celulares, suportes digitais e demais necessidades tecnológicas que atualizam o meio e mudam a forma de consumo do rádio AM. Assim, a tecnologia a serviço do meio aumentou a possibilidade de interação do ouvinte, que agora sai de uma condição de passividade, sendo peça importante no fazer rádio e no consumir informações.

Novo rádio, porque a escuta, segundo Kischinhevsky (2016, p.279), “se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios)”.

Essa mudança no hábito de consumo dos ouvintes acaba por influenciar fortemente a migração do AM, já que o ouvir passa a ser não mais somente no velho e bom radinho à pilha. Por isso, afirma-se que o rádio expandido, enquanto possibilidade de transmissão que extrapola, esbarra nos investimentos em tecnologia e acaba por impulsionar essa nova *sexta onda de mudança* que está por vir: o AM + FM ou um Novo Dial.

Um Novo Dial prestes a surgir: reflexões sobre o rádio AM + FM

O processo de migração do AM deu passos importantes no último ano. Aproximadamente 280 emissoras estão aptas a mudar de dial, com aditivos assinados, faltando apresentação de projeto técnico para aprovação e liberação oficial. Ao todo, 55 já migraram, segundo levantamento do site Tudo Rádio⁵. Em Santa Catarina, das cem emissoras solicitantes, 25 já assinaram os aditivos e aguardam a liberação por parte do Governo Federal para operarem no novo dial. Na Região Sul, das 17 existentes, 16 emissoras pediram para mudar de frequência. A Rádio Tubá, católica de Tubarão, não quis trocar de faixa.

Das emissoras mapeadas pelo site, a distribuição de AMs que migraram, por região, ficou da seguinte forma: São Paulo (7) estações migrantes AM-FM ativas em FM, Rio de Janeiro (1), Minas Gerais (3), Paraná (3), Santa Catarina (8), Rio Grande do Sul (2), Bahia (3), Ceará (8), Goiás (2), Pernambuco (1), Mato Grosso (5), Mato Grosso do Sul (1), Rio Grande do Norte (2), Piauí (3), Rondônia (4), Tocantins (1) e Amazonas (1).

A maioria das migrantes AM-FM, conforme o site tudoradio.com, ampliaram as áreas de cobertura regional em relação à cobertura na faixa AM, isso após o início das operações em FM. A justificativa seria um espectro mais livre de interferências e receptores mais modernos (dispositivos móveis) que possibilitam mais acesso por parte dos ouvintes e uma emissão mais limpa. Hipótese que precisa ser verificada empiricamente no andamento da pesquisa em curso.

Destes apontamentos iniciais, vale destacar também a possibilidade de um aumento da informação/notícia no rádio. A atual programação das AMs, hoje muito mais voltada à prestação de serviço, jornalismo e esporte, será deslocada para o FM, deixando a Frequência Modulada muito mais falada do que é atualmente, num processo que podemos chamar de “aemização” do FM, já vivenciado em outro momento, como por exemplo, com a aposta de emissoras veiculando conteúdos jornalísticos nas chamadas emissoras *talk and News* no final dos anos 1990 e início dos 2000 em Frequência Modulada. Além disso, as atuais FMs também podem ampliar a informação. Isso porque, com a chegada de emissoras jornalísticas no novo dial, a concorrência com as atuais voltadas à programação musical pode gerar uma necessidade de informação no espaço, deixando o rádio muito mais falado e menos musicalizado, em virtude também

⁵ TUDO RÁDIO. Mais de 280 rádios brasileiras solicitaram a migração da faixa AM para a de FM em 2016. Disponível em: <http://tudoradio.com/noticias/ver/16741-mais-de-280-radios-brasileiras-solicitaram-a-migracao-da-faixa-am-para-a-de-fm-em-2016>. Acessado em 30 de janeiro de 2017.

das fartas possibilidades e ferramentas para o “ouvir” música na atualidade, como os aplicativos de streaming (*Spotify*).

Se isso ocorrer, as FMs atuais sofrerão muito mais as transformações do que propriamente as AMs migrantes que, conforme estudos recentes, devem fazer uma transferência fiel do conteúdo transmitido hoje em dia. Camila Morgado (2015), em sua monografia de graduação na UnB, entrevistou diretores de emissoras do Brasil sobre a migração. No trabalho orientado pela professora Nélia Bel Bianco, ficou evidente uma preocupação por parte das empresas pesquisadas muito mais com a plástica do que propriamente com a programação.

Ao que tudo indica, pouco ou quase nada será alterado, o que representa a manutenção do conservadorismo ligado ao AM. Com isso, a migração parece ser uma mera adequação de modulação, e não se dá na prática como uma evolução no modo de fazer o radiojornalismo. Ao menos, as empresas de comunicação pareceram não ter se preparado para isso, e não apresentaram no trabalho um planejamento quanto a uma possível nova programação (CURADO, 2015, p. 113).

Essa preocupação muito mais estética que de conteúdo inquieta e coloca em discussão uma temática importante: a necessidade de repensar os formatos e modelos de jornalismo produzidos hoje em dia no rádio. A mudança, também citada por Curado (2015), encontra consonância com o que pensamos sobre esta transformação. Fato que também aparece nas entrevistas realizadas pela pesquisadora e citadas no trabalho, onde as emissoras ouvidas já realizam transmissão simultânea, mas seguem apenas retransmitindo um conteúdo já pronto das AMs (CURADO, 2015).

Essa ampliação dos espaços de notícias no rádio pode resgatar uma audiência que vem despencando nos últimos tempos, segmentando o meio e se reinventando em um novo momento midiático. O último levantamento da ABERT mostra que dos 235 modelos de celulares a venda no mercado, 179 (76%) vêm com rádio FM integrado. Mesmo correspondendo à maioria dos aparelhos, em comparação com os últimos anos demonstra uma queda na quantidade de celulares com FM embutido: em 2014 e 2015 eram 79% em 2016, 78% tinham a tecnologia. O número alto de equipamentos com acesso vislumbra possibilidade de crescimento desta audiência que tem sido problemática para as emissoras em AM.

Outra provável mudança que pode transformar o meio é sobre a qualidade do som. O fim do ruído, mesmo não sendo o principal fator motivador da migração, vai

transformar o rádio em um espaço com menos interferência tornando-o muito mais atrativo do que é atualmente, fato que agrada os radiodifusores sedentos por um acréscimo nas verbas publicitárias e uma disputa mais justa com outros meios.

As conquistas com a migração parecem surgir neste momento de crise no jornalismo radiofônico. No entanto, alguns impasses ainda atrapalham o processo como um todo, como por exemplo, os altos custos para o procedimento e a potência das emissoras. O valor para a transferência do AM para o FM pode variar de R\$ 30 mil a R\$ 4,5 milhões. Para realizar o cálculo e chegar no número final foram levados em consideração fatores como potência, população, indicadores econômicos e sociais de cada município. O alto valor pode atrasar a viabilidade de projetos técnicos de empresas menores no interior do país.

Outra preocupação referente ao processo migratório das AMs faz conexão com as emissoras públicas. Professores, profissionais da área e pesquisadores de rádio no país acompanham o processo de migração das emissoras. Em 2015, o grupo emitiu um manifesto a então presidenta Dilma Rousseff, reivindicando mais apoio do Governo Federal para o futuro do meio, principalmente no que se refere o rádio público brasileiro. A medida fazia um apelo para que emissoras da EBC fossem incluídas nos lotes de rádios que irão para o FM.

A Empresa Brasil de Comunicação (EBC), uma conquista da população brasileira na direção de uma radiodifusão pública, não solicitou a passagem para o FM de estações históricas como Nacional AM e MEC AM, ambas do Rio de Janeiro. Conscientes de que a escuta em ondas médias atualmente é mínima [...] preocupa-nos a falta de uma atitude no sentido de assegurar a migração como possibilidade de permanência dessas estações, principalmente diante do fato de o prazo para a solicitação já ter-se esgotado (MANIFESTO, 2015).

A carta é assinada por 64 pesquisadores que solicitavam ao poder público um prazo maior para as rádios públicas poderem entrar com o pedido de migração, tendo em vista a importância do momento atual do meio. O documento ainda afirmava que a sobrevivência das rádios públicas estaria comprometida caso a mudança no dial não ocorra nas emissoras públicas. “Neste cenário, entendemos que a sustentabilidade do rádio AM está abalada e que deve haver um compromisso das autoridades para que, diante da reconfiguração da indústria da radiodifusão sonora, o espaço da radiodifusão pública esteja garantido” (MANIFESTO, 2015).

A preocupação do grupo faz relação com o crescente número de aparelhos de telefonia móvel no país que, em sua maioria, acoplam o rádio FM, vislumbrando uma potencial audiência nestes dispositivos.

Também apontado como um possível problema, o espectro atual não conseguirá contemplar todas as emissoras no atual modelo de FM, o que significa ampliação no dial ou o *dial estendido*. A diferença do rádio atual é que o espectro estendido terá novas faixas, entre 76 MHz a 107.9 MHz. Esta expansão terá que ocorrer para abrigar a quantidade de frequências que não tiverem espaços livres no espectro atual.

As rádios que necessitarem deste dial estendido poderão transmitir simultaneamente em FM e AM por até cinco anos para que haja adaptação dos aparelhos receptores, que terão que ser fabricados com nova tecnologia. Para “cabem” mais emissoras no dial, o pedido de redução de potência por parte das empresas pode significar agilidade no processo. No entanto, “a legislação prevê que as emissoras só se mudem se todas couberem na banda atual. Senão todos esperam pela estendida” (REVISTA RÁDIO e NEGÓCIOS, 2015, p. 20).

Considerações finais

O rádio vem se reinventando ao longo de sua história, contrariando previsões pessimistas sobre o seu fim. O atual momento em que vive o meio, o de migração do AM para o FM, é mais um que pede reflexões importantes, e foi o que tentamos levantar neste artigo, que elencou alguns questionamentos frente à possibilidade de mudanças no dial brasileiro. Para dar base às reflexões preliminares, o artigo apresentou o processo de migração do AM como mais uma *onda de mudança* no rádio, antecipada por outras tantas (implantação, injeções tecnológicas, implantação do FM, informatização e a internet/digitalização). A ideia foi entender as transformações vivenciadas para poder compreender o cenário da atualidade.

Os dados sobre a transformação do dial ainda são incipientes, mas já podemos apontar possíveis caminhos que o meio deve seguir, como a possibilidade de afinamento das rádios em Amplitude Modulada e uma “aemização” da Frequência Modulada. Isso significa, aumento de jornalismo nas emissoras do FM, que devem sofrer mudanças em função da concorrência com a programação musical, gerando a necessidade de mais informação no espaço, tornando o rádio muito mais falado. Fato

que já vem acontecendo com emissoras jornalísticas que utilizam transmissões simultâneas em AM e FM.

Outra questão que necessita ampliar o debate é a discussão destes modelos de jornalismo que estarão presentes neste novo rádio, muito mais preocupado com a plástica e a estética do que com o conteúdo, como já pontuam algumas das pesquisas sobre o assunto citadas neste artigo e que coadunamos com o pensamento. A possível transformação neste jornalismo feito no rádio é o que motiva a tese de doutoramento em andamento de uma das autoras deste estudo incipiente. Compreender os reflexos da migração do AM para o FM na prática jornalísticas no rádio brasileiro é o que buscamos.

Pontua-se ainda, que migração do AM para o FM vai além de simplesmente ser uma medida que buscou sanar a necessidade de aumento no número de ouvintes. As causas são multifatoriais que fazem parte de uma mudança muito mais ampla, envolta por uma alteração no hábito de consumo do público que agora está escutando rádio na internet e interagindo via redes sociais.

Por fim, estas considerações iniciais são o começo de questionamentos sobre desafios, tendências e potencialidades de uma pesquisa mais ampla que busca entender como o radiojornalismo praticado nas emissoras AMs será produzido no FM, após a migração no Brasil e este novo momento radiofônico no país.

Referências

ABERT. Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão, 2016. Disponível em < <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/24473-primeiras-migracoes-do-radio-am-para-fm-devem-ocorrer-ate-abril>>. Acesso em janeiro de 2017.

ABERT. **Pesquisa da ABERT mostra evolução de celulares com acesso à TV e rádio.** Disponível em <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/25584-pesquisa-da-abert-mostra-evolucao-de-celulares-com-acesso-a-tv-e-radio>. Acesso em abril de 2017.

BRASIL. Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm

BRASIL. Ministério das Comunicações. **Migração das rádios AM para a faixa FM.** Brasília: Ministério das Comunicações, 2016. Disponível em: < <http://www.mc.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/institucionais/39095-ams-ja-podem-pagar-outorga-de-migracao-para-fm>>. Acesso em março de 2016.

CURADO, C.C. **Migração de rádios AM para FM:**

Processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica. Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade de Brasília, Departamento de Jornalismo, Faculdade de Comunicação, 2015.

DEL BIANCO, N. **Rádio e o cenário da convergência tecnológica.** In: DEL BIANCO, Nélia (Org.). O rádio brasileiro na era da convergência. São Paulo: Intercom, 2012. p. 16-37. (Coleção GPs, 5)

_____. Atuação do Conselho Consultivo do Rádio Digital: em busca de um formato de digitalização adequado à realidade brasileira. In: Intercom - **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Manaus, set. 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R80062-1.pdf>.

FERRARETTO, L.A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

INTERCOM. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Manifesto de pesquisadores de Rádio.** 2015. Disponível em: <http://www.cca.eca.usp.br/content/pesquisadores-da-intercom-lancam-manifesto-sobre-migracao-das-emissoras-publicas-am-para-fm>. Acesso em setembro de 2016.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Rio de Janeiro, Mauad X, 2016.

_____. **Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica.** In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

MAGNONI, A.; RODRIGUES, K. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo.** Encontro Nacional da História da Mídia, Ouro Preto, 2013.

MANIFESTO DE PESQUISADORES DE RÁDIO EM APOIO À MIGRAÇÃO DAS EMISSORAS PÚBLICAS PARA A FREQUÊNCIA MODULADA. Disponível em <https://www.facebook.com/intercom.radio/posts/882124771870644>. Acesso em abril de 2016.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil.** São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

QUADROS, M.; LOPEZ, D. **O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência.** Revista Famecos (Online). Porto Alegre, v.22, n. 3, julho, agosto e setembro de 2015.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2016. Disponível em <file:///C:/Users/Kaki/Downloads/Pesquisa%20Brasileira%20de%20Mídia%20-%20PBM%202016.pdf>. Acesso em abril de 2017.

REVISTA RÁDIO E NEGÓCIOS. **A Migração do Antiquado para o Confuso.** São Paulo, 2015. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/00192405462680edeaf6a>.

TUDO RÁDIO. **Mais de 280 rádios brasileiras solicitaram a migração da faixa AM para a de FM em 2016.** Disponível em: <http://tudoradio.com/noticias/ver/16741-mais-de-280-radios->

[brasileiras-solicitaram-a-migracao-da-faixa-am-para-a-de-fm-em-2016](#). Acessado em 30 de janeiro de 2017.

ZUCULOTO, V.R.M. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.